

Redacção, Administração e Proprietária CASA DO GALATO-PAÇO DE SOUSA —Tel. 8 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GALATO-PAÇO DE SOUSA	Vales do Correio para CETA

AVENÇA

Gaiato



Visado pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 177
PREÇO 1\$00

A NOSSA TIPOGRAFIA

DOUTRINA

E o Porto com 20\$00. E mais o Porto. E a Amadora com 50\$00. E Benguela. E o Porto. E mil escudos da Golegã. E Chaves com 50\$00. E a Farmácia de Chão Verde com 100\$00 e muita pena não ter duzentos contos para acabar com isto. Logo a seguir, caminha um Tripeiro com 100\$00. E um penitente de Manhufe com metade. E uma prescrição. Agora vão aqui uns novinhos para que Deus abençoe o seu novo lar. E vai também uma nota de um dolar; não se aflija com o cambio visto o cambista oficial da casa do Gaiato ser homem sério. E eu também tenho de o ser. Mal sabe o Cambista oficial da rua das Flores os pedidos que se recebem para eu aproveitar em beneficio d'outros, as regalias que ali tenho; mal sabe ele! Mais um de algures. E os empregados da Companhia União Fabril do Porto. E uma médica de Lourenço Marques.

Faltam 137 contos.

ONTEM apareceu aqui um rapaz de nove anos de idade, que nasceu em Valpaços duma mulher enganada. É uma criança robusta, alegre, inteligente; e seria feliz, se não fosse o crime do seu pai. Veio a perguntas. Fala como um homem. Liga a palavra à ideia. E' incisivo. Da tragédia do nascimento, nada sabe e nada compreende. Nós, adultos, vislumbramos um bocadinho; moças tem havido, que para esconder a infamia, dão a morte ao recém-nado; oh tragédia!

Chama-se um infanticídio. Os tribunais condenam a ré a pena maior e deixam o Réu à solta!

O pequenino ainda não sabe destas coisas, mas vem a saber... Lembra-se, sim, e declara que esteve 3 anos na sua terra em casa de umas senhoras, que depois o não poderam ter. Lembra-se que dali, foi para casa de uma sua prima em V. Real, aonde teve a mesma sorte. Que esteve escondido dos patrões, na casa onde sua mãe serve, mas que também

teve de fugir de lá. O errante! O fugitivo! O Inocente!

Perguntado a respeito do seu pai, disse que sim. Que tem pai. Que o conhece. Que é um homem rico de Carrazeo. Aqui, tira os cotovelos de sobre a minha mesa de trabalho; afasta-se um nada; apruma-se. Toma um ar de quem repara, põe brilho nos seus olhos rasgados e exclama: *quando ia pra lhe pedir a benção ele virava-me as costas*. Eis o crime consumado!

Dei as perguntas por terminadas. O pequeno desceu aos seus trabalhos. A vida recomeçou. A fome dentro de mim cada vez é maior,—e devora-me! Não é hipérbole nenhuma se eu disser que em cada 100 rapazes dos das nossas casas, 70 deles são filhos do pecado! De sorte que eu sinto-me um conivente; forçado sim,—mas participante. Eu ando a ajudar as facilidades da lei, a dar a minha aprovação aos costumes, a dizer com a sociedade. E isto devora-me! *Sinto* que não está cer-

to. Tanto mais que o meu esforço dá pão ao ilegítimo (?) sim, mas não lhe dá os seus direitos. Esses, só o Pai.

Eu gostava que me chamassem ao Parlamento. Não como deputado da Nação, mas como procurador dos filhos da Infamia. Eu havia de falar. Tenho muito e muito e muito que dizer. *Causas legais*. Uma boa lei, reduziria consideravelmente a natalidade ilegítima.

O medo guarda a vinha. A sedução e o abandono, não serão mais o trivial no dia em que se apliquem sanções. Uma lei sumária da alçada do Regedor e um castigo pronto. Cadeia. Multa. Qualquer coisa que faça doer. Na Inglaterra há o flagelo... Temos realizado tanta coisa boa em Portugal d'áquem e d'além,—tanta coisa! Os técnicos têm virado a face da terra, e nestes problemas vitais ninguém quer entrar! Chega-se às leis sagradas da vida ética—se à porta! Os moralistas e os juristas consultos dizem, mas não fazem com que se faça. E' a Cumplicidade Nacional. *Deixem-me ir à Assembleia pregar o Evangelho, ó senhores Deputados*.

Mas há mais. Eu tenho mais dores. Eu sou um torturado. Esta sorte de criança, ocupa em muitas casas, o lugar do filho de matrimónio. Chega às vezes uma viuva com seus filhos pela mão. Mostra a sua vida dolorosa. Ama o seu filho e pede o que em casa não tem para lhe dar. Destaca-o do grupo, coloca-o no meio e diz, *é este*. Ali está o inocente. O pequenino, por sua vez também pede para ficar. Ele gosta muito da sua mãe; pois quem não há de gostar! Mas ela não tem pão...

Ora quanto à posição da criança, não tenho remorsos; tanto vale uma como outra. Aqui não há distinções.

Mas a questão social. A constituição da família. A sua instituição divina. O vínculo.

Aquela mãe heroica, esposa fiel, que soube resistir às seduções;—e a mulher fácil!

As duas ali a par; e sou forçado muitas vezes a pegar no vício e a mandar embora a virtude!

Em vez de pregar a orfandade e viuvez, tenho de falar da Prostituição!

Que alguém fale por mim na Assembleia, que eu decerto não vou lá. Não me chamam. Tem-se medo da verdade...

NOTA DA QUINZENA

HOJE de manhã saía da capela, quando dou de cara com um homem de idade, trazendo pela mão um rapaz. Antes que ele começasse, comecei eu; que não. Eu tinha justamente passado pelos três refeitórios, a caminho do altar e notei que os rapazes estão apertados nas mesas, de tantos que são. Por esta e por outras, continuei a dizer que não. *Tem de levar o rapaz consigo*.

O homem é um camponês de mãos calejadas e boa formação moral. O rapaz não lhe é nada e ainda ontem lhe furtara 4 dúzias d'ovos. Eu subo ao meu escritório, são dezoito degraus. Atrás segue o homem. Ele fala. Eu falo. Entendemo-nos à maravilha, mas não. Perguntei-lhe se queria tomar café; que sim. Chamei o Botas, e mandei preparar e descemos. Mostrei-lhe os refeitórios com as mesas já postas para o jantar. Refeitório número um. Refeitório número dois. Refeitório número três. O homem ia

dizendo baixinho, *isto é medonho*. Agora estávamos na cozinha, enquanto Botas dá os últimos retoques. O rapaz não tinha ainda aberto a boca e tiritava. E' uma figura simpática de cabelos loiros e olhos azuis. Ouvira em silêncio ao pé de mim, tudo quanto o seu condutor dissera; das 4 dúzias de ovos, de uns socos novos a uma pessoa que lhe deu dormida, de galinhas e de coelhos e de espigas; *ele bota a mão a tudo que vê*. Não tinha aberto, mas abriu. Ele tinha visto as mesas postas, no refeitório. Via agora o fogão aceso com panelas em cima. Dá dois passos à frente. Chega-se à minha beira e diz—*deixe-me cá ficar que me não lembro ter comido comida de lume*. Sentença condenatoria...

O homem trazia duas cartas de dois párcos. Temos uma delas. Ei-la:

Cumprimentando como pároco natural e residente neste concelho de Penafiel, tomo a

liberdade de lhe apresentar um rapaz que veio parar a esta terra na companhia da mãe, uma desgraçada mulher, que tendo-se recolhido a uma casa que dá abrigo nocturno a pobres, aí teve uma criança com que fugiu assim que pôde, abandonando o outro filho que a acompanhava.

Com catorze anos, crescido e malcriado, não arranja, por isso mesmo, esmolas bastantes para seu sustento, pelo que se vale do roubo. Há queixas de pequenos furtos. Têm-no procurada escorraçar daqui para fora, mas não há modo de ele retirar por esse mundo além, que naturalmente teme.

Refugia-se nos aquedutos das estradas até chegar a oportunidade de aparecer de novo. Consta que na terra da sua naturalidade, do concelho do Marco, apenas tem um velho (CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

PEDITÓRIOS TRIBUNA DE COIMBRA

O Júlio foi ontem ao Porto tratar do assunto. Os cozinheiros deixaram sobre o fogão a sua comida quente, mas ele nem podia comer, de entusiasmado que vinha. Toda a gente nos abre as portas, dizia. No dia 7 de Janeiro, é o Coliseu, de tarde e à noite. Dia 14, é o S. João. Águia d' Ouro vem no dia 21 e no derradeiro domingo do mês é no Júlio Dinis; em todos eles, de tarde e à noite. No mês de Fevereiro, é no dia 4 no Trindade e no dia 11 no Olimpia e no dia 18 no Batalha e fecha-se com chave de qualquer coisa no Rivoli, dia 25. Vamos a ver.

Devo declarar que as Gerencias destas casas não costumam receber maquia, indo algumas, até à generosidade de serem contribuintes!

O NOSSO LIVRO

PRONTINHO. Os azes da composição foram Cândido do Barredo, Pintarocha do Barredo e Barbeiro da Granja. Zé da Lenha, deu duas pancaditas na impressão. O Prefa com seus ajudantes, dobrou e coseu. Os senhores queiram desculpar alguma falta de que possam vir a dar conta. E' que eles todos, além de esta sua obrigação, têm igualmente as físgas e os coelhos e os quintais e a bola...

A expedição deve começar por estes dias, para os exemplares já encomendados. Eles são a passar de dois mil. Espera-se que o dinheirinho se não faça esperar. Quanto aos restantes três mil talvez venham a ser despachados na nossa estação. Sim. Temos promessa de uma instalação. Vamos ter na aldeia um C. T. T.. Isto é que vai ser!

O preço por unidade é de vinte mil reís. Tantos livros quantas notas.

Os vendedores do Famoso, andam munidos de grandes listas e de grandes nomes de senhores e de senhoras que também querem. Ele nos Grémios, ele nas Caixas, ele no Gaz e Electricidade, ele nos Bancos. Eu só tenho medo que eles os percam. Espero que não.

Os vendedores de Famação também trazem nomes. Famação é uma nova praça. Vão ali dois fazer as quinzenas. Há empenhos para ir. Porquê? Por causa dos senhores aonde eles comem. Aquilo é que é! E passam palavra. Na quinzena passada quis saber e perguntei ó Abel o que tinha sido o jantar. Começou pelo primeiro prato; carne esmigalhada, disse! Carne esmigalhada!

FUI ao «bairro das latas». Chovia abundantemente. Preferi assim para melhor ver a miséria. Levei comigo um dos nossos. Eles já de lá vieram e é bom que se não esqueçam, com o pobre conforto das nossas casas. Atravessei pelo meio de todas aquelas barracas. Informei-me dos mais necessitados: são todos muito probrezinhos; precisamos todos muito.

Entre na primeira casa: homem sem trabalho, mulher com duas hérnias, tinha comido dois tostões de berbigões e era já rente à noite; muitos filhos e pequenos; lareira apagada e por isso não se pode chamar aquilo um lar.

Dizem-me que vá a uma casa vizinha: são dois pobres doentes; ele, velhinho e cheio de reumatismo andava a vender uma sabuinha de areia fina para arranjar para a ceia; ela velhinka, com uma tuberculose óssea; vivem numa antiga capela; não vi lá imagens de santos canonizados mas pareceu-me ver santos de carne e osso.

Entre ainda noutra; uma ba-

ra funda, tudo amontoado; sr. prior, aqui chove como na rua, não sei onde hei-de colocar os nossos farrapinhos.

A casa estava forrada de papéis, mas os papéis não evitavam as beiras do telhado; um rancho de filhos ao redor dum púcaro de comer que seria pouco para um.

Por hoje não conto mais. Fiquei abismado; e ainda aqui não é o pior. Não conhecia, assim como a maior parte dos conimbricenses não conhece.

Conhece-se a cidade mas só superficialmente.

Para a conhecer bem, é necessário correr os becos, os muros velhos, os barracões e todos os cantos mais escuros. Por ali também se conhece a sociedade; são também criaturas humanas; são também filhos de Deus.

Mas já foi muito pior; a miséria já foi mais palpável; os bairros vieram remediar muitos males; que continuem para bem da sociedade.

Ando deveras preocupado. É o inverno.

É o terror dos pobres e nós somos pobres.

São cem corpos a agasalhar. São as costureiras a pedir flanela todos os dias: não temos um fio de nada para fazer roupas; veja se compra flanela; não perguntaram se posso comprar. São os pobres a dizer que o Sr. P.^o Américo dava sempre neste tempo muita roupinha e cobertores; eu também dava, mas não tenho quê.

Ainda há dias a costureira de Coimbra me veio pedir se a deixava ao menos comprar dois metros de flanela para os dois mais novos que andam sem cuecas; o remédio foi dizer que sim, mas só dois metros.

Quem tiver géneros desta raça que não precise, mande para cá. Nós gastamos tudo: somos muitos e os pobres todos sabem onde são as nossas casas.

Cá espero pelo correio.

Padre Horácio

P. S. — Os senhores ajudem o P.^o Horácio, que tem às costas a cruz de Coimbra, não vá ele desanimar.

Padre Américo

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

A esta nota simpática, podemos acrescentar muitas outras provas de dedicação à Obra, que vai sendo cada vez mais conhecida entre os habitantes da Capital. Basta ler, nas entrelinhas, o que diz cada um dos donativos que dia a dia vêm chegando a esta casa.

Abre a lista a cota mensal dos empregados da Vacuum com dois mil duzentos e tal escudos. Quanto bem se não faria no mundo, se todos tivessem assim a compreensão dos seus deveres sociais. E um Senhor, o Senhor Jonet que por lá anda a pregar o preceito novo: amai-vos uns aos outros...

O Grupo Desportivo Aliança entrou com 200\$00. Deve ser velocidade adquirida no pretérito desafio pela taça «Casa do Gaiato», que muitos gostariam que voltasse a repetir-se.

Produtos Lácteos entrou com mais a cota de 308\$00, e um Médico da América que em tempos nos visitou, nunca mais deixou de nos enviar também uma cota mensal.

O Carlos Alberto acaba de chegar com mais notícias da Casa C. Santos. Trás muitos jornais vendidos, uma carta com 200\$00, do aumento do ordenado dum dos funcionários, e uma caixa com uma dúzia de bolas de ping-pong, da Secção C. do Senhor Inglês, já aqui mencionado, 200\$00 e mais quanto tinha de dinheiro da nossa Casa da Moeda ao levantar vôo no Aero-Porto para a Inglaterra Cinco dólares de peregrinos do Ano Santo, que não quiseram embarcar para o Brasil sem conhecer a Obra da Rua. De Lourenço Marques, dois pneus usados e mais desoito dum amigo de Lisboa.

Na sua visita anual a Direcção e Alunos da Escola Académica foram generosos na rolha que de-

(Continuação do n.º anterior)

ram aos nossos jogadores da bola e nas centenas de escudos que deixaram. O cronista não disse nada desta derrota nem da que sofreram dos catraios de Vila Franca.

O Grémio dos Armadores de Navios encheu a casa de vitaminas com cem litros de óleo de fígado de bacalhau, e o dos Exportadores de Azeite enviou-nos também 20 litros dele.

Ao Montepio foram tantos os depositantes quantos os dias do mês.

Até aqui falaram os homens, agora têm a palavra as senhoras: É uma mãe doente, com 100\$00 do ordenado de um filho; outra mãe e avó, com 40\$00; uma senhora, vizinha, com bolos, maçãs e 50\$00. Outra mãe com 20\$00 que «recebi»; uma Figueirense com 100\$00 mais 50\$00 para os pobres das furnas; outro tanto para o barredo e Conferências do Assinante 9.681; mais dez para as mesmas; A. R. com 100\$00 para a tipografia; M. A. S. com 80\$00 e Alice com 40 duma vez e 20 doutra.

Um piano! Andavamos há muito com o pedido debaixo da língua. Não foi preciso pedir. Os lisboetas adivinham as necessidades desta Casa. Agora é uma carrada de «batalas» de volta de nós: ande, toque uma modinha... O refeitório é um mistifório de musica: duas gramfonos, um rádio, um piano, duas ou mais gaitas de beico, e o «torres novas» a tocar pratos. Só ontem foram seis que ele quebrou numa assentada. O que nos vale é estarmos perto de Sacavem e o Senhor Gilbert remeter-nos de vez em quando uma carrada de loiça.

Tem vindo também alguns livros jornais e revistas, papel ve-

lho, passadeiras, e muitos fatos e roupas usadas. Muito boa lembrança foi a daquela noelista com uma remessa de toalhas novas compradas «com migalhas que sobram do governo da casa». Mais toalhas novas e mais um embrulho com outras usadas e lençóis e fronhas. Na casa Alpha et Omega, alguém deixou um bela peça de riscado. O que não veio ainda foi a flanela prometida. Mais um vale de 100\$00 «n.º 084075» duma leitora de todos os números do Gaiato. Também cá chegou o donativo anterior, minha senhora: pode mandar mais. Em carta 20\$00; Do Instituto de Odivelas 1.460\$00 produto de muitas migalhas; 200\$00 duma professora que não falta com igual quantia todos os meses. Selos usados; uns óculos para o Folgosinho; uma camisa para o Ernesto, e gravata e calçado etc.

Por fim voltam a falar os homens: é um do Aero-Porto de S.ta Maria com cem e a Fábrica Oláio com uma carrada de lenha para o fogão.

P.^o ADRIANO

Brevemente

ISTO É A CASA DO GAIATO

PEDIDOS A' EDITORA

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

CHEGOU o tempo dos piões. Cá os nossos rapazes da escola na hora do recreio jogam o pião. Antigamente não era assim; saíam das aulas iam todos para o campo da bola. Os primeiros a sair da escola eram os mais pequeninos, eles são da 2.ª classe e depois vêm os da 3.ª e 4.ª classe ouvem-se berros por toda a parte vamos jogar 3.ª e 4.ª classe...

COMO é do conhecimento dos Senhores cá na nossa casa temos jardins. O nosso Pai Americo já nomeou dois jardineiros; eles são o Molestia e o Zé d'Arouca. Eles lá andam a matutar a ver como se faz diz o Zé d'Arouca o mais esperto; fazer-se faz-se bem o que falta são plantas e sem isso não se faz nada.

COMO os senhores sabem que está prestes a chegar o Natal cá os nossos rapazes mais pequenos dizem uns prós outros: falta muito pró Natal não falta só um mês. Eles começaram a esfregar as mãos e dizem: vamos comer batatas com bacalhau. Que bom!

ALFREDO ROSA

MIRANDA DO CORVO

HA' dias andavamos a escangalhar uma casa velha para de novo continuar as nossas obras e, qual foi o meu espanto ver dois carros brasileiros que pararam no largo em rente da nossa casa. Estiveram um bocado a falar com o Snr. P.º Horácio, no fim foram visitar-nos no fim de verem tudo deram 500\$00 para ajudar a nossa obra. A esses Senhores e Senhoras e mais alguns que nos têm socorrido muito obrigado.

A nossa venda do famoso está a correr muito mal. A Lousã foram vender o Famoso o Joaquim e o Júlio pequeno; um vendeu 25, outro 32. No dia seguinte foram vender a Miranda só venderam 17 jornais. Como os nossos estimados leitores estão a ver, isto não dá para nada para tanta gente.

Temos cá uma linda vaca que teve há dias um bezerro. Todos gostavam imenso dele; iam-no buscar ao curral para touriar com ele, mas passados dias tivemos que o vender por 775\$00. Foi uma tristeza para todos, teve que ser assim, senão ninguém podia parar ao pé dele quando fosse maior e também estava a estragar a vaca.

Na segunda-feira dia 13 do mês corrente abatemos uma porca.

Quando vinha de Coimbra com os balanços do carro de bois ficou aleijada das patas da frente; ainda cá a tivemos, mas cada vez estava a ficar pior.

Tivemos que a matar, apesar dela estar magra. Agora só cá temos três porcas duas irmãs, filhas da porca que morreu no ano passado e a que o Snr. Dr. Rui deu.

ANTÓNIO GIL

S. João da Madeira

Venho hoje citar novamente no famoso, os artigos que nos têm oferecido ultimamente. Em primeiro lugar tenho a contar aos nossos leitores que já recebemos a quantia de 2 mil escudos de um senhor que se encontra actualmente em ÁFRICA. Este dinheiro destinava-se às despesas deste lar, e fez-nos um grande arranjo. Recebemos também um cesto de batatas e uma garrafa de azeite de uns senhores de S. João. Mais fruta de Casal delo e sete queijos de Mosteiró. Mais 50\$00 de uns senhores da Arrifana que se reuniram e disseram: —Este dinheiro pouco, é para a obra do Senhor Padre Americo. A todos sinceramente muito obrigado e as mais vivas felicitações.

Recebemos inesperadamente no passado sábado dia 28 as flores para o nosso jardim. Dizemos inesperadamente, porque recebemos as ditas flores já ao anoitecer e não contávamos.

O nosso jardim já está concluído. Ficou muito bonito, é certo; mas levou imenso trabalho.

Na parte trazeira da casa estão plantadas árvores de fruto, citaremos algumas como: macieiras, pereiras, pessegueiros, ameixieiras, damasqueiros etc. Todas estas árvores e flores vieram do Porto do Snr. Moreira da Silva.

Estamos a organizar cada vez mais depressa a nossa biblioteca. Têm chegado muitos romances antigos mas ao mesmo tempo muito úteis. Quatro estantes já estão quase cheias, mas ainda faltam onze para encher. Ainda lá cabem muitos livros e revistas. No nosso salão onde está a biblioteca, e ao mesmo tempo onde nos divertimos e distraímos temos uma mesa de Ping-Pong. Já temos ráquetes, bolas, e rede, esta muito fraca. Temos também o jogo das damas e esperamos ter mais alguns, por enquanto ainda não. Não se esqueçam das revistas: Stadium e Flama, as principais.

Por enquanto ainda somos poucos não chega a quinze rapazes, ao passo que ainda aqui hão-de ficar 30 deles. Por isso caros leitores, espero que dentro em breve cá tenhamos alguma roupinha e calçado, embora usado, tudo nos faz arranjo. Não se esqueçam que se está a chegar o Inverno. Não se esqueçam por favor.

JOSÉ MARIA SARAIVA

TOJAL

QUEM está encarregado de trabalhar com os bois, é o Fala-Barato. Que é o Senhor Quintino de Cesar. Já é capaz de lavar sozinho. Nesse trabalho anda sempre muito contente. Um dia destes é que fez fraca figura. Ao dar uma volta a grade soltou-se, e ele sem dar por falta dela, deu umas poucas de voltas adiante dos bois. Só mais tarde é que reparou que não andava a fazer nada. Ficou muito envergonhado.

(Continua na 4.ª página)

LAR DO PORTO COIMBRA

HÁ muito que não dou notícias dos nossos pobres, e disso devem estar os amigos da nossa Conferência admirados. Mas venho hoje dar contas da sua generosidade, ou melhor, dizer da sua alegria em contribuir com seus donativos, para os nossos pobresinhos.

Fomos atendidos no apelo feito para nos darem colchões e ajudar a pagar a renda de casa, a um dos nossos pobres. Uma Senhora enviou-nos um colchão, completamente novo e grande, e de «O Grupo os Carlos», enviaram-nos 100\$00 e mandaram ir buscar um colchão. O primeiro colchão foi para a pobre do Amadeu, pois tinha os seus filhos, que são doze, a dormir no chão. O outro, foi para a pobre do Manuel, que, diz ser um regalo dormir nele. Com os 100\$00, foi paga a renda em atraso da pobre do Manuel.

Mas, ainda são precisos mais colchões. O Prata solicitou um para a sua pobre entevada que, por ter esta doença, faz todo o serviço na cama, estando assim o seu todo padre.

A visita aos nossos pobres afectua-se aos domingos de manhã, e eles têm recebido como de costume, umas vezes dinheiro, outras comestíveis. Alguns pedem-nos roupa de cama, pois muito se faz sentir o frio nas suas camas. Mas esperamos liquidar o mal. Os filhos de alguns deles, andam quasi nus neste rigor de inverno. Esperamos no Natal lhes poder socorrer, comprando cobertores e agasalhos. Mas um apelo vos faço estimados leitores.

Há por aí, no fundo das arcas, roupas velhas e usadas que, fazem muito jeito aos nossos pobresinhos. Nós muito agradecemos tudo o que nos poderem mandar. O dinheiro que temos vai ser empregue em roupas de cama, e agasalhos a dar no Natal. Também já nos foi prometido dar comestíveis para esse dia. Na última reunião, o Manuel disse ter falecido um filho à sua pobre.

Ela tinha nos pedido Vitamina D. mas, infelizmente, já não foi a tempo de poder salvar o filhito. Esta pobre

vive a um canto de uma ilha, numa casa sem luz e sem ar fresco. O mau cheiro penetra lá dentro e os seus filhos estão todos contaminados com a cocluhe. A casa nem uma janela tem, e é muito pequenina, para oito pessoas. O Francisco pediu um tachito, para a sua pobre fazer a sopa, e uma lata de tinta para pintar o teto. A minha pobre precisa de nove vidros para a sua porta, que está sem nenhum e entra muito frio. A pobre do Amadeu veio do Hospital, mas não chegou a fazer a operação. A pobre do Marques anda triste e aborrecida, pois o senhorio aumentou-lhe a renda de casa numa altura em que todos estão desempregados. Os filhos da minha pobre, também se encontram desempregados e por se encontrarem nesta situação, estas duas pobres recebem em lugar de 10\$00 por semana, recebem 20\$00 e quando é comestíveis dá-se-lhe o dobro.

Estes têm-nos pedido para lhes arranjarmos empregos mas é muito difícil, pois há muita falta de trabalho. É uma miséria. Há dias, em que estes vão para a cama sem comer. Quantas vezes estão à nossa espera para que com o que levamos, fazerem uma sopita e há casas onde tanta comida se estraga! Ainda se houvesse trabalho? Mas encontra-se tudo desempregado.

Foi resolvido ir às reuniões do Farrapeiro de S. Vicente de Paulo, que aliás é nosso dever, e foi comprado um manual, muito preciso, para a Nossa Conferência.

Temos ultimamente recebido algumas propostas para subscritores da Nossa Conferência pois é o meio mais fácil, de nos poderem ajudar. Temos neste momento alguns trinta subscritores. Mas o dinheiro, destes não é suficiente para mantermos a Nossa Conferência.

A todos que nos têm ajudado, e que esperamos continuarem, os nossos agradecimentos pela sua generosidade e, que não se esqueçam que o Natal está à porta e que os pobres é que precisam, de ao menos nesse dia, terem uma boa consolação.

CARLOS VELOSO

ANDAVAMOS a organizar a nossa Conferência.

Visto isto, temos que dar uma visita aos estabelecimentos da Baixa, para ver se arranjam os «Bilhete d' entrada» na casa dos pobres. Porque o fim da nossa conferência não é só dar ao pobre o alimento do corpo...

Não é preciso ir mais adiante... É preciso ir ao alimento Espiritual... Mas para isso é preciso arranjar alguma coisa; E essa coisa vamos nós aos Senhores comerciantes de Coimbra pedir.

Precisamos de arranjos: ubertores.

A venda do nosso «Famoso» desta vez foi das melhores que tem havido nas últimas quinzenas.

Desta vez foi a seguinte: —Buarcos que foi desta vez o campeão, vendeu 70 jornais e teve 14.10 de demasia.

Bucha vendeu 45 jornais e teve 14.50 de sobras.

Machado vendeu 37 jornais, e com os acréscimos somou 44.80.

Formiga despachou 33 jornais e teve 10.00 de grojeta.

Afonso vendeu 31 jornais e teve de sobras 5.00.

Sardinha vendeu 4 jornais e somou 7.10.

No passado dia onze, houve missa de sétimo dia da morte do nosso irmão José Pinho de Carvalho «Zé Briu» conhecido na nossa casa por este nome.

Fomos todos à missa que foi celebrada na capela daqui da «Casa de Retiros»; a família estava presente.

Temos a nossa biblioteca completamente parada; por não termos mais livros para ler, porque os que cá estão já foram vistos pelos nossos rapazes. Mas não peço livros directamente a ninguém; mas precisamos de livros...

—Creio que está tudo dito.

ERNESTO PINTO

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

O QUE PRECISAMOS...

VEM aí o Natal, a festa dos pobres. Em todos os lares, em todos os sítios do globo onde existem cristãos, se comemora o dia grande da cristandade; o dia em que o Redentor da humanidade, nasceu nas palhinhas humildes dum estábulo em Nazaré. Nesse dia, tão querido dos pobres tão amado pelos cristãos; nesse dia digo, jamais poderá faltar qualquer coisa a um lar que não tenha posses. Ao menos, do pouco que possuímos, ofereçamos aos nossos irmãos, qualquer coisa extraordinária, com que possam festejar a maior festa do cristianismo: o Natal.

Cristo quis ser pobre, viver como pobre, amar os pobres; Ele deu o exemplo, vindo à luz numa manjedoura humilde. Amou os pobres e exemplificou a humildade! Não precisaria de tal, era filho de Deus!

Que todos se lembrem dos nossos pobrezinhos e que eles não vos passem da memória. Maneira fácil, é enviarem-nos aquilo que eles precisarem, para que na celebração do nascimento do Salvador, não passem em claro.

Esperamos a vossa generosidade. As nossas posses são fráquissimas; a farmácia tem-nos devorado a quasi totalidade das vossas lembranças. Parece impossível, não é verdade? Mas de facto assim é. A conta de Novembro já vai por aí fora.

Os preços dos medicamentos, como já tive oportunidade de frisar, são uma autentica calamidade! Deixar morrer os infelizes sem amparo? Isso é que não. Enquanto pudermos, faremos todos os possíveis para satisfazer os nossos irmãos em carne e osso.

Como verificam, só pedimos e tornamos a pedir. Se nos escutam, que seja a bem dos pobres. Se não nos escutam, veremo-nos forçados —sabe Deus com que tristeza— a não darmos nada a quem devia ter no grande dia, o rancho melhorado, digamos assim.

Mas nós, se Deus quiser, não os faremos passar dessa maneira porque julgo que uma parte de bons corações que nos têm, lembrar-se-ão das tristezas e infelicidades, dos nossos socorridos. Que assim seja, são os nossos votos.

... E O QUE RECEBEMOS

NA crónica anterior foi um ror de ofertas, pequeninas e grandes! Hoje estamos a entrar na decadência? Não pensemos em tristezas; porque tristezas não pagam dívidas. Olhemos de frente e Deus se lembrará com frequência das nossas obrigações. Basta visitar-nos tuberculosos, entrevados, velhos, etc. etc. E' a pobreza pura e simples. Mas que pobres! A pobreza menos viciosa moralmente, em relação a dos grandes centros urbanos. E' o campo. Ali, nos barredos, o ar que se respira é dum cheiro nauseabundo e estonteante; aqui, o ar puro dos campos, a beleza natural, modifica extraordinariamente a vida vicentina. Oh miséria! Eu ainda me recordo daquele dia que fui ao Barredo com o nosso Pai Américo!... De tal maneira era o cubículo intransmível à luz clara do dia, que exalava gases tóxicos!... Indispos-me!...

Lá dentro—as imagens estão ainda vivas no meu pensamento —quasi terminava os seus últimos dias, um paciente tuberculoso! Agora—digo baixinho cá para comigo—temos um tuberculoso, mas ao menos respira o ar límpido da aldeia; retirado daqueles sítios impróprios para a vida humana. Nem os da era da pedra...

Houve um salto brusco; modifiquei a rota da crónica. Vamos então ao essencial. Quem abriu hoje as portas foi um tal dos sem nome. Sabem qual a maquia? Não foi nada má, 100\$00! Logo a diante, numa cartinha azul com umas simples palavrinhas, enfileira também, não sei quem, com 50\$00 para ajuda da estreptomocina. Ainda se não esqueceram desse monstro que nos atemoriza: a farmácia! Para nós é um bicho de sete cabeças!... Não se esqueceram e Deus queira que por muito tempo... E' sinal de que podemos socorrer os nossos irmãos. Agora, vamos fechar a porta e quem a ferrolha é uma senhora assinante da linda Lisboa, já conhecida deste cantinho, que para ajudar a conferência, envia 250\$00; por último diz assim: *desejo que me digam no próximo Gaiato que chegou at esta carta e o dinheiro.* Ela aqui vai juntinha com outras. Muito lhe agradecemos a sua devoção pelos nossos protegidos e Deus lhe pagará.

E mais nada por hoje. Como sempre, vai daqui um sincero agradecimento; um muito obrigado.

J. M.

Nota da Quinzena

(Continuação 4.ª pagina)
avô a viver de esmolas.

Abandonado da família, aborrecido da sociedade, sem ninguém que o ame e o queira, encontra-se no caminho da cadeia ou de outra casa de fins idênticos, se V. Rev. Sr. P.º Américo não lhe estender a mão para fazer dele, como de tantos, um homem, se não útil, pelo menos inofensivo à sociedade. A cara do rapaz abona a verdade das

acusações que lhe são feitas.

Agora não. Agora vai para a cadeia se quiser, mas já não é culpa nossa.

Gari toma conta e vai com ele ao balneário, aonde lhe deu banho quente. Abel toma conta e vai com ele à rouparia. À hora do jantar entreguei-o ao chefe e fiquei à porta do refeitório. O faminto toma lugar. O prato fumegava. Ele perdeu a cabeça... Era comida de lume!

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

MAIS eu que andava constipado e resolvi ir-me deitar. Era um sábado. Tirei os sapatos, embrulhei-me num cobertor e estendi-me no leito. Daí a nada entra um cicerone,—está ali um senhor que lhe quer falar. Mande-o embora e agasalhei-me. O rapaz volta,—ele diz que só quer ver a sua cara. Atirei-lhe com um sapato e voltei-me para o outro lado. Nova investida do cicerone. Trazia as mãos ocupadas com notas de mil escudos,—olhe que grandes! E eu levanto-me, calço os sapatos, ajeito o cabelo e mostro a minha cara ao visitante!

Conta-se que Pasteur fora um dia pedir a casa de uma senhora de Paris. Ela deu-lhe um cheque. O Sábio, já longe da porta viu a quantia e volta atrás, beijar a mão da mulher. Os homens que procuram fazer o bem por amor do Bem, caem nestas fraquezas. Se Pasteur tivesse sido um Empreziário não lhe faltariam capitais oferecidos generosamente. Assim, sendo o que Ele foi, mendigava. Abaixava-se. Beijava a mão das mulheres, por um amor que não era o da carne nem do sangue. Se o fora, rebaixava-se.

Mais aquela senhora inglesa que vem cá todos os anos por este tempo, na companhia de seus filhos e este ano também de sua mãe. A mãe tem filhos no Canadá. Tem d'eles na África do Sul. Em Portugal tem esta filha e reparte a sua vida por todos. Pois vieram Mãe, filha e netos e um formoso automóvel e na caixa duas malas com camisolas de lã, já feitas pela mão e à custa de senhoras do seu Bairro. Ela não é, mas vive no Porto.

Mais mil escudos de Vila de Rei. Mais de Matozinhos uma data de bolbos para o jardim do Rodrigo e dentro da caixa uma palavra amiga ao Zé d'Arouca, para não armar mais sarilhos por causa do regador. Quer dizer, os nossos leitores não se contentam com a leitura; querem ser actores. Mais uma tarifa de Faro e eu disse comigo, são figos. Foi-se a ver e era mas é roupa. Dois fatos e coisas de Uma Lisboaeta que vive no Algarve.

De Tentugal sim senhor. Já se tem dito aqui vezes sem número que, tudo quanto nos é dirigido vem cá ter. Mais roupas de Lisboa. Mais ditos do mesmo sítio. Mais 2 sacos de castanhas de Viseu. Mais um d'elas de Carracedo. Mais 100\$00 de Espinho para o Barredo. Mais 20\$00 de S. João da Madeira. Mais 50\$00 de Lourenço Marques. E o António José de Lisboa com um fato e 100\$00. E 25\$00 por alma de uma creatura que me serviu. Mais 100\$00 de Braga. Mais de Mangualde

50\$00 tirados do meu primeiro ordenado.

Mais 500\$ do Porto, para os pobres. Mais mil ditos de algures para o Barredo. Mais 1.275\$00, produto de uma indemnização que me era devida. Aqui temos de mãos dadas a justiça e a caridade. Mais 25\$ de Uma provinciana para os pobres. Mais de Coimbra 50\$00. Mais 100\$00 de Lamás da Feira. Mais 100\$ do Porto, dos Empregados da União Fabril. Mais outro tanto, sou do Porto e não sabia do Barredo.

Mais roupas de Lisboa, por uma tarifa, e que roupas! Eram do Alberto. Já estão a sete chaves... Mais uma senhora que me deu mil escudos e pediu para não dizer mal dos cães. Não torne a dizer mal. Ora a verdade é que não quero mal nem digo mal dos animais. Ainda há bem poucos dias, dei com um Fox no caminho e chamei por ele e soube que o dono não fazia grande caso do bicho e eu mandei recado se podia ficar com ele e o dono disse que sim e hoje temos na Aldeia, além do Marão e da Estrela e do Mondego um Fox que ainda não tem nome. Muito desejei que ele se afizesse a mim, tendo tido o cuidado de o instalar ao pé do meu escritório e mandar vir leite e fazer-lhe festas e tudo, porém nada se conseguiu! O Faisca é meu rival e vence. De onde se vê que eu não guardo ressentimentos; o que eu digo mal é mas é de quem prefere. Mais 20\$00 da Covilhã para os pobres do Barredo. Mais 500\$ de algures com o mesmo fim. Mais do Porto 200\$ e um fato e livros. Por alma do meu maior amigo, 20\$. Mais 200\$ de uma Maria pecadora para o Barredo e remédios. Mais 40\$ de E. A., tirados à boca.

(CONCLUSÃO DA PÁGINA ANTERIOR)

O Octávio como os senhores leitores sabem tem uma ovelha chamada octavia que lhe deitam há um ano. Esta teve agora uma ovelhita que se chama octavia. Ele anda todo contente por ter mais uma ovelhinha. Gosta muito de a ver dar saltinhos à frente da mãe. Qualquer dia tem um rebanho por conta dele.

COMO disse no número anterior o Pedro andava a tirar a carta de chauffeur. Já a tem. Na Figueira da Foz, o Senhor Conservador, fartou-se de dar voltas para lhe conseguir de graça a emancipação! Em Lisboa, um Senhor prometeu pagar metade da despesa. Já agora tornamos a lembrar a grande necessidade que nós temos duma furgonete.

AQUI há meses uma Senhora de Lisboa ofereceu para a Nossa Conferência uma pulseira de ouro. Nós agora resolvemos vendê-la para arranjarmos agasalhos de inverno para os nossos pobres, para o Natal. Fomos avaliá-la a várias ouriversarias de Lisboa, e demo-la a quem mais ofereceu. Ficou com ela um ourives por 1.050\$00. Foi o que nos valeu para acudirmos aos nossos pobres. Deus pague a quem teve a lembrança de nos ajudar tão generosamente.

CARLOS ALBERTO